

QUEM É O BRASILEIRO QUE REPRESENTARÁ O PAÍS EM OLIMPÍADA INTERNACIONAL DE MATEMÁTICA

VICTOR BITARÃES, DE 18 ANOS, FOI UM DOS SEIS BRASILEIROS SELECIONADOS PARA DISPUTAR A COMPETIÇÃO CONTRA ESTUDANTES DE OUTROS 100 PAÍSES



VICTOR BITARÃES, REPRESENTANTE DO BRASIL NA OLIMPÍADA INTERNACIONAL DE MATEMÁTICA (FOTO: ARQUIVO PESSOAL)

Victor de Oliveira Bitarães, de 18 anos, filho de José Geraldo, um pedreiro, e Conceição, uma auxiliar de limpeza, sempre estudou em colégios públicos do interior de Minas Gerais. No período escolar, afirma que jamais se deparou com conteúdos estimulantes ou elaborados de maneira rigorosa. Ainda assim, descobriu nas salas de aula um objeto que o intrigava: a matemática. A partir desse encontro, deu-se que Victor se tornou o pentacampeão (ganhou cinco medalhas de ouro entre 2008 e 2012) das Olimpíadas de Matemática das Escolas Públicas do Brasil (OBMEP). Para completar, o jovem mineiro foi selecionado como um dos seis representantes brasileiros na Olimpíada Internacional de Matemática (IMO), um evento que ocorre em julho e reúne os maiores crânios do ensino médio de 100 países do planeta.

Parece extraordinário — e é. Mas a alta performance de Victor não se circunscreve a um feito notável de um garoto pobre. Ela está mergulhada em um contexto ainda mais surpreendente. Realizada desde 2005, a

OBMEP está difundindo a matemática (uma matéria indigesta para a maioria dos estudantes brasileiros) entre os alunos de instituições públicas do ensino fundamental e médio no Brasil. Hoje, a competição atrai mais de 19 milhões de jovens que vivem em 99,4% dos municípios do país. Com essa capilaridade e contingente parrudo, revela com frequência novos talentos para os números. A prova foi concebida pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), com sede no Rio de Janeiro, um dos mais renomados centros de pesquisa desse setor no mundo. E por que esse modelo está se mostrando campeão? Quem explica é o próprio Victor Bitarães.

Qual a escolaridade dos seus pais?

Meu pai estudou até o ensino fundamental. A minha mãe conseguiu completar o ensino médio.

Eles eram muito exigentes com o seu desempenho escolar?

Para falar a verdade, não exigiam demais. Queriam apenas que eu seguisse nas aulas, sem faltar. Mas nunca deixaram de me apoiar. E me ensinaram coisas importantes.

Com o quê?

Que eu nunca deixasse, por exemplo, as coisas pela metade.

Como você descobriu as olimpíadas de matemática?

Eu tinha 11 anos, estudava em Betim, em Minas, e cursava a quinta série [atual 6º ano]. Fiz a prova da OBMEP sem pretensões, mas a achei muito interessante. Ela tinha muitos desenhinhos legais, divertidos e coloridos, e pedia que a gente justificasse as respostas. Eu fui bem e ganhei uma menção honrosa.

Você tinha de expor o raciocínio por escrito nas respostas?

Sim. E eu nunca tinha visto nada igual. Antes, era só colocar o resultado das continhas na prova e pronto. Me interessei bastante por aquela novidade. No ano seguinte, quanto eu ainda estava na sexta série, arranjei um livro de matemática da sétima série. Ou seja, era do ano seguinte ao meu. Eu não conhecia o conteúdo, mas comecei a treinar matemática com aquele material e sempre justificando todas as respostas.

Seu desempenho deve ter melhorado bastante.

Muito. Um ano depois, ganhei uma medalha de bronze na competição. E, como medalhista da OBMEP, passei a frequentar um curso de iniciação científica em matemática. Esse é um prêmio que todos os medalhistas recebem. Aí, dei um novo salto. Isso fez o meu nível subir. Nunca mais deixei de ganhar um ouro na olimpíada.

Qual foi a reação dos seus pais quando você ganhou o primeiro ouro?

Foi minha mãe quem viu. Eu estava em casa ensinando matemática para um amigo e ela consultou o resultado da olimpíada em um computador velho que a gente tinha. Ele praticamente funcionava à lenha. Eu só me lembro que ela começou a gritar: “É ouro, Victor; é ouro!”.

Qual foi a sua reação?

Para falar a verdade, não lembro muito bem. Mas, no geral, fiquei empolgado. A matemática é uma coisa infinita. É estimulante. De repente, a gente descobre uma coisa que nunca havia imaginado.

Que tipo de carreira você pretende seguir?

Ainda não tenho a mínima ideia. Mas estou pensando em matemática ou alguma coisa que não tenha nada a ver com matemática. Isso porque eu gostaria de ampliar a minha formação. É verdade que vou sempre pensar em matemática, mas quero conhecer coisas novas. Penso em estudar psicologia ou mesmo artes cênicas.

Qual a sua expectativa para a olimpíada internacional, marcada para julho?

Estou treinando da melhor forma possível. Tento melhorar os meus pontos fracos. Mas não dá para saber como será o meu desempenho. Isso depende muito de como a prova virá. Tem gente que acha que é uma questão de inspiração. Eu não acredito muito nisso. Acho que é resultado de quanto você treina e do quanto você é bom nisso.

Quantas horas por dia você estuda?

Isso eu não consigo dizer. Não tenho uma rotina muito rigorosa. Ao contrário, tento variar os horários. Alguns dias, eu dou uma maneirada. Em outros, passo o dia estudando. É muito variável.

Como esses ouros olímpicos mudaram a sua vida?

Eu conheci novos lugares, novas pessoas e adquiri novos conhecimentos. A minha vida se abriu para coisas novas. Se eu não tivesse passado por esse aprendizado, nem sei se teria descoberto as minhas possibilidades.